

# A AUTONOMIA DA CRIANÇA NA FAMÍLIA: Evolução e Implicações

Joana Machorrinho

Licenciada em Reabilitação Psicomotora pela Universidade de Évora

jmachorrinho@gmail.com

## INTRODUÇÃO:

Nas últimas décadas tem-se assistido a várias alterações na estrutura das famílias portuguesas, verificando-se principalmente um adiamento da transição para a conjugalidade e parentalidade, uma diminuição do número de filhos, um aumento de divórcios, famílias monoparentais ou recompostas, casamentos homossexuais, etc., sendo também de realçar que os pais têm cada vez menos tempo livre de qualidade com os filhos, e que os jovens têm cada vez mais dificuldade em garantir a sua independência. É importante estar atento a estas alterações, pois já vários estudos verificaram que o nível socioeconómico em conjunto com o nível de escolaridade, o estado civil (Arsénio, 2012; Brás, 2008), e a religiosidade (Esteves, 2010; Agostinho, 2009; Gonçalves, 2013), têm grande influência nos estilos educativos e atitudes que os pais adotam, dando à criança maior ou menor autonomia, capacidade de decisão, de manipulação e de exploração.

Surge então a necessidade de explorar o impacto destas “novas formas de parentalidade” nas atitudes e características das crianças, e no seu desenvolvimento na adolescência e entrada para a idade adulta, sendo esse o objetivo desta revisão de literatura, realizada apenas com estudos feitos na população portuguesa.

É importante referir que se consideraram 4 estilos educativos parentais (eep):

**Autoritário** ● Os pais são rígidos, controladores, demonstram pouca responsividade.

**Permissivo** ● Evitam controlar e punir, são pouco exigentes e estimulantes, dando autonomia total aos filhos, e não são vistos como “modelo” pelos filhos.

**Autoritativo** ● Têm atitudes firmes e racionais, valorizam a obediência e a autonomia, são muito responsivos e afetuosos, exercem controlo consistente e não excessivo.

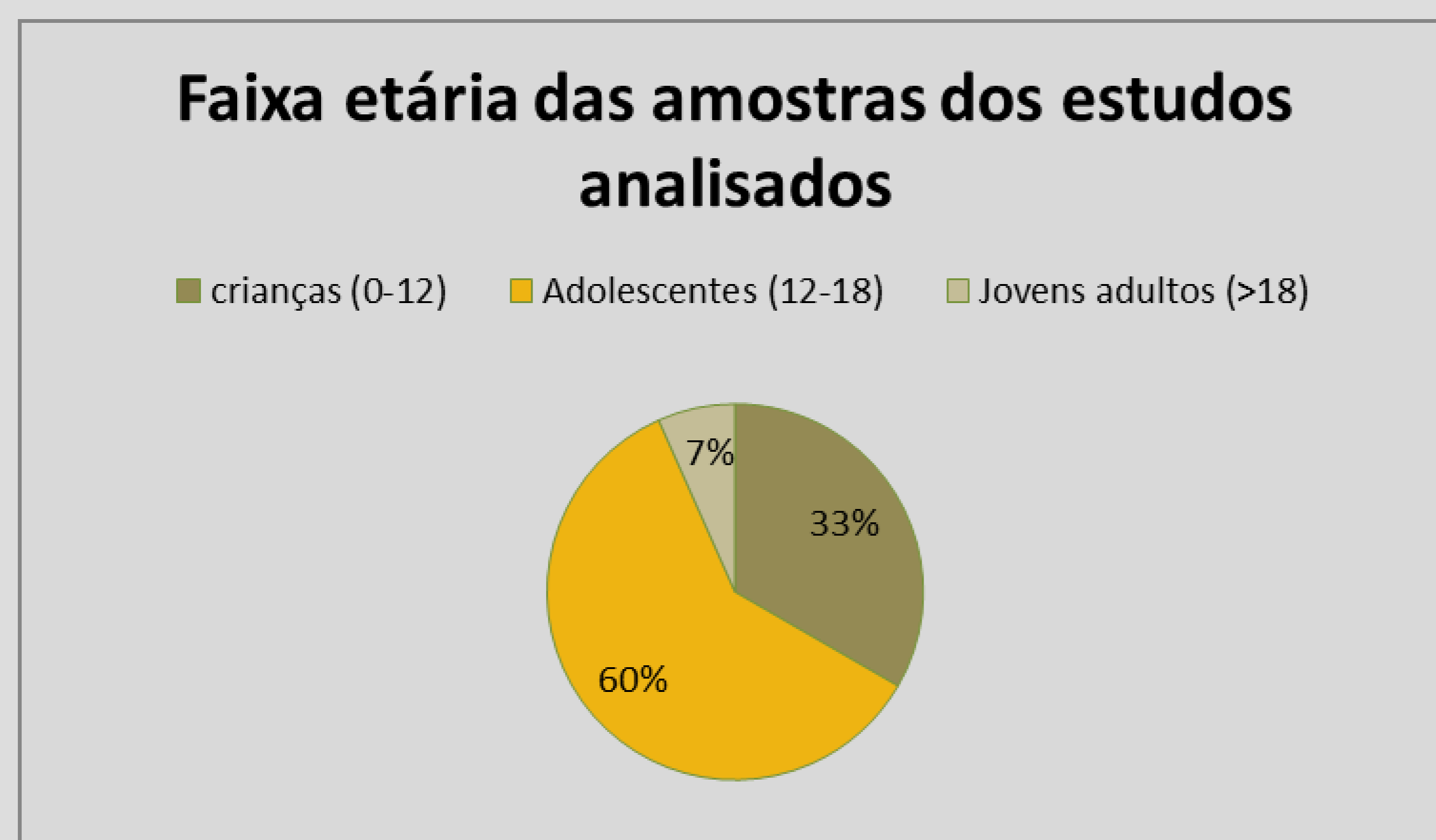
**Negligente** ● Não promovem a independência nem a responsabilização, são frios, indiferentes, pouco acessíveis, não investem nem estimulam os filhos.

## METODOLOGIA:

Realizou-se uma pesquisa na base de dados [Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal](#), procurando o ponto de contacto entre estilos educativos parentais, autonomia da criança e independência. Foram analisados um total de **59 estudos** realizados em Portugal entre 2005 e 2013, e excluíram-se desta investigação estudos com famílias de crianças com deficiência, crianças adotadas ou institucionalizadas, pois são características que tornam estes temas bem mais subjetivos e difíceis de generalizar.

## RESULTADOS :

Os estudos analisados avaliaram o impacto de variáveis parentais no comportamento de crianças, adolescentes e adultos, sendo que a maior parte teve como população alvo os adolescentes, como se pode ver no gráfico seguinte.



Tem sido dada cada vez mais importância a este tema, sendo frequente a tentativa de analisar aspetos como a estrutura familiar, o nível socioeconómico e habilitações dos pais, a qualidade da vinculação, a relação pais-filhos, o suporte emocional e o incentivo à autonomia, como preditores de certas competências nas crianças, adolescentes e adultos.

Tem de se referir que estes estudos foram realizados em diversas zonas do país, alguns com amostras pequenas e limitadas geograficamente, e na maioria foram aplicados questionários de autoresposta, que estão sujeitos ao efeito de desejabilidade social. Na maioria, verificou-se que o estilo autoritativo é o mais frequente na população, sendo aquele que é mais facilmente transmitido intergerações, mais predominante nas mães do que nos pais. Nestes os estilos educativos mais frequentes são o permissivo e o autoritário.

## REFERÊNCIAS:

Agostinho, A. (2009). Filhos na escola e filhos adultos : a relação entre funcionamento familiar, parentalidade e resiliência.; **Arsénio, C. (2012)**. Paternidade na infância : envolvimento paterno e estilos parentais educativos em pais de crianças em idade escolar.; **Brás, P. (2008)**. Um olhar sobre a parentalidade (estilos parentais e aliança parental) à luz das transformações sociais actuais.; **Conceição, L. (2012)**. Estilos Educativos Parentais (EMBU-A), Sintomatologia Depressiva/Ansiosa, Stress e Autoestima, numa Amostra de Adolescentes. ISMT.; **Esteves, A. (2010)**. Estilos parentais e coparentalidade : um estudo exploratório com casais portugueses.; **Gonçalves, A. (2013)**. Estilos Parentais e o seu Impacto no Sucesso Escolar dos Alunos. [s.n.].; **Guerreiro, M., Torres, A., & Lobo, C. (2009)**. Famílias em mudança: configurações, valores e processos de recomposição. *Quotidiano e Qualidade de Vida*.; **Lago, T. (2009)**. Função paterna e comportamentos delinquentes em rapazes adolescentes.; **Pocinho, M., & Capelo, R. (2009)**. Optimização dos tempos livres das crianças portuguesas face aos desafios das “novas” famílias do século XXI.; **Rocha, H. (2010)**. Adolescente e vínculo parental : (des)continuidade entre família e escola. Universidade de Aveiro.; **Silva, A. (2012)**. Relações românticas e suporte social nos processos de individuação e bem-estar psicológico em jovens de famílias intactas e divorciadas.; **Valente, S. (2010)**. A vinculação aos pais e a identidade vocacional na adolescência: Estudo exploratório.

Relativamente à **estrutura familiar** verificou-se que, por si só, não pode ser explicativa do desenvolvimento das capacidades de socialização nas crianças, nem da motivação escolar das mesmas ou da qualidade da vinculação afetiva.

-Vários estudos revelaram que nos pais (homens) divorciados são mais frequentes os eep negligente e permissivo, mas também se verifica que a perceção que os filhos têm dos estilos educativos dos pais é influenciada pela coesão e coparentalidade na família.

-Os filhos de pais divorciados têm menor capacidade de aceitar a solidão, têm mais frequentemente problemas de comportamento, e são mais vulneráveis ao desenvolvimento de sintomatologia psicopatológica quando adolescentes ou jovens adultos. Pelo contrário, os filhos adultos de pais casados parecem ter processos de individuação mais bem sucedidos e reportam um maior bem-estar psicológico.

Contudo! Estes fatores são fortemente influenciados pela qualidade da relação pais-filhos e pela existência de maior ou menor conflito parental, condições que não são exclusivas de nenhuma tipologia familiar específica. Foi até referido que *a separação gradual dos pais, quando tem baixos níveis de conflito, pode promover o amadurecimento e capacidade de adaptação de pais e filhos*.

Quando se analisa a **vinculação** verifica-se que esta *não se correlaciona significativamente com o tipo de família* (nuclear, monoparental ou recomposta), mas que as mães com mais filhos têm mais frequentemente uma vinculação insegura, e é importante também referir que na famílias com um filho único predomina o eep permissivo. De uma forma geral, as crianças e jovens que crescem num ambiente de **vinculação segura** (mais adequada e positiva) são *mais confiantes, mais comunicativos, têm mais comportamentos pró-sociais e apresentam melhores resultados e percursos escolares*. Conseguem com mais frequência processos de individuação bem sucedidos, e identidades mais realizadas, em oposição aos jovens com **vinculação mais insegura**, que apresentam identidade mais difusa na adolescência, maior tendência ao isolamento nas relações amorosas, e tendência ao aparecimento de sintomatologia depressiva nos adultos.

Existem dados contraditórios quando se fala da influência **das habilitações literárias** dos pais e **do nível socioeconómico** do agregado. Alguns estudos referem que não tem nenhum efeito nos níveis de ansiedade e de ajustamento dos adolescentes, enquanto outras investigações verificam uma maior frequência de problemas de comportamento nos filhos de pais com menores habilitações, dizendo, ao mesmo tempo, que estes pais se mostram mais disponíveis para ajudar os filhos nos tpc's, proporcionando, nalguns casos, um maior suporte emocional. De uma forma geral, parecem existir *'famílias facilitadoras'* e *'famílias não facilitadoras'* do processo escolar dos alunos, independentemente da classe social, o que torna fatores como o **suporte emocional**, **a promoção da auto-estima** e da **autonomia** muito importantes, até porque se confirmou promoverem um *melhor investimento corporal, menores experiências de solidão, de sintomatologia depressiva, ansiedade social e stress nos jovens*.

Foram também analisados a **sobreproteção** e a **rejeição** parentais (que são mais frequentes do que o esperado), como sendo preditores de maiores níveis de ansiedade e solidão nas crianças e jovens, um menor investimento corporal, tendo também influências negativas na construção de intimidade nos relacionamentos amorosos dos filhos adultos. Na maioria dos casos, o pai tem mais influência nestes fatores do que a mãe, e a qualidade da comunicação pai-filho é também importante.

Quando se avaliou a **autonomia** os resultados foram interessantes: as crianças avaliadas apresentaram uma autonomia comportamental adequada aquando da entrada para a escola, já os adolescentes (até 18 anos) referiram, eles próprios, que não se sentem preparados para enfrentar situações problemáticas, e que têm uma autonomia ainda deficiente.

Analisou-se ainda um estudo sobre a **felicidade**, o qual verificou que as condições económicas são importantes para garantir a subsistência de todos, mas na mesma família, a geração mais velha valoriza mais a saúde e o bem-estar, enquanto os mais novos atribuem ao desenvolvimento profissional um peso maior na hora de refletirem sobre se são ou não felizes.

## DISCUSSÃO E CONCLUSÕES :

Inúmeras discussões levam a uma só conclusão: não há famílias perfeitas. Na sociedade atual, os pais têm cada vez mais habilitações literárias, menos tempo para os filhos, a igualdade de género é uma luta recente que está a vingar, e o conflito interparental é um problema antigo que se continua a perpetrar. Tudo altera a forma como o Homem se constrói e se deixa construir. As crianças de hoje serão os líderes de amanhã e, apesar de todas as mudanças sociais e económicas, tudo parece depender, como sempre, do bem estar familiar. Deve ser um ambiente encorajador mas securizante, apoiante mas promotor de autonomia e responsabilização. Também se destaca o papel de uma educação intercultural e diversificada que potencia uma consciencialização da diversidade, favorecendo as capacidades de tomar decisões mais conscientes e ponderadas, em momentos-chave como o final do 9º ano, a entrada no ensino superior, profissional ou alternativo; opções a tomar nos relacionamentos amorosos; ou como gerir os primeiros ordenados.

Seria interessante, em futuras investigações, recorrer a estudos longitudinais, com os adultos como população-alvo, e em que as variáveis fossem avaliadas diretamente em todos os participantes, de forma a obter dados mais fiáveis. Provavelmente, no final desses estudos teriam de voltar a fazer outros, pois isto de como 'crescer' e 'educar' parecem ser verbos em constante evolução, mas há coisas que nunca mudam: a necessidade de se ser desejado por alguém, ser compreendido, comunicar e aprender... no fundo: ser feliz.